**Breve história do socialismo português moderno**

As notícias desta terça-feira deixaram muitos estupefactos, mas sobretudo preocupados com o que aconteceu. O Primeiro-Ministro demitiu-se, envolto em suspeitas de estar, ainda que indiretamente, ligado a casos de corrupção e trafico de influências. É um facto, político e mediático. Com inúmeras consequências. A todos os níveis, entrando na casa e nas vidas das pessoas.

Este clima de surpresa e preocupação é normal? É. Não é normal é que as pessoas não se tenham admirado antes, porque é que isto ainda não tinha acontecido e porque é que a história se repete. A utilização do “h” pequeno justifica-se pelo facto de, com algumas semelhanças, ser o segundo primeiro-ministro, este em funções, a ser envolvido num esquema de corrupção ou pelo menos de troca de favores, num prazo tão curto. Era inevitável.

Sem apontar um dedo inquisidor, muito menos estando investido da tal bonomia lusitana, este Partido Socialista (PS) que, com curtos intervalos de governos liderados pelos social-democratas, governa Portugal há várias décadas transformou-se, primeiro, numa máquina de poder e, depois, numa máquina de gerir o poder, o poder que pertence ao Estado. Apenas.

Poderia ter utilizado a palavra “monstro”, mas não seria a mesma coisa. É mesmo uma máquina, construída por obreiros que tiveram a arte – a política é apenas a *ciência do possível*, quando perde a sua poética – de a montar peça a peça.

Primeiro com as suas próprias mãos, ganhando para comer. Eram então quase revolucionários, sonhavam com uma Suécia em cada esquina e pelavam-se por uma boa e aguerrida discussão ideológica, defendendo assim os da sua condição.

Depois, organizando-se melhor, e sobretudo com a ajuda de muitos que passaram a dirigir e que, diariamente, iam construindo a máquina, acrescentando-lhe peças e mantendo-a em funcionamento. Ficaram com tempo livre, o que lhes permitiu conhecer novas realidades. A realidade daqueles que fabricavam as peças e, com isso, alguns enriqueciam (ou pelo menos asseguravam a sua independência), os colégios privados que os seus os filhos frequentavam e as clinicas privadas com cuidados *à la carte* a que acediam com outra facilidade e foram, para citar um dos seus dirigentes históricos, dos primeiros a, de vez em quando, “meter o socialismo na gaveta”. As discussões já não eram tão aguerridas e o léxico começou a tornar-se mais fofinho. Inventaram uma narrativa e encheram-na de palavras como *diálogo, solidariedade, inclusão*… investiram tanto, tanto na criação desta narrativa que nunca se aperceberam que as adversativas povoavam os textos: escola pública, mas… Serviço nacional de saúde, porém… Os princípios, apesar de…

Mais tarde, talvez cansados das rotinas e tendo aprendido alguns dos “truques” desses alguns que fabricavam as peças e, sobretudo recordando o sabor dos charutos que estes lhes ofereciam pelo Natal, decidiram-se por outras maravilhas suaves. Criaram mecanismos para continuar a ter outros a trabalhar na máquina e a tratá-los razoavelmente, mantendo-os dependentes de uma certa estabilidade que os portugueses “suaves” apreciam, distribuindo benesses a conta gotas. Até aqui, tudo certo? Sim.

Mas esqueci de referir (propositadamente) alguns elementos cruciais. Na tal narrativa, a palavra “risco” não existia. Ou existia? Também não interessa. Estes demiurgos platónicos, artesãos divinos, acham o “risco” uma maçada, até uma injustiça para quem, defendido por um símbolo, o do PS - o famoso punho cerrado da mão direita - , tanto fez por um sistema que até é bondoso para muitos e para os seus familiares - 1 em cada 3 trabalha, direta ou indiretamente, em empregos por eles concedidos, no Estado ou na sua órbita. Engenheiros sociais, que sempre foram, criaram uma solução: o Estado que assuma o risco, o seu risco. É justo – até porque a justiça não pode ser cega, depois do tanto que as universidades gastaram em investigação -, solidário e inclusivo – pois é a dividir por todos, até pelos mais desfavorecidos – e faz movimentar a economia – criam-se consultoras, alugam-se escritórios, mobilizam-se juristas qualificados, vendem-se carros, empregam-se especialistas – colocando-nos no pelotão da frente do mundo ocidental…

Até os motivaram a tornarem-se ainda mais vanguardistas. Desmaterializaram-se e hoje limitam-se a vender influência, com precisão de alta relojoaria, a preço de platina. Desdenhando até de quem paga.

As tais adversativas de que falava há pouco foram o cimento que serviu para colar coligações naturais, esdrúxulas, à esquerda, à direita, ao centro… um povo que navegou com precisão até novos mundos, tornou-se prisioneiro de uma inebriante navegação à vista. Há 30 anos que não crescemos, mesmo estando a receber agora os dinheiros da bazooka europeia, mas também não decrescemos… muito. Os indicadores vão-se degradando… mas, no domingo, os golos no estádio e os comentários na tv colocam o mundo em perspectiva.

No geral poder-se-á dizer que esta história não é original. Que se não fossem os socialistas, seriam outros… Será? Que a história portuguesa, tirando o período dos Descobrimentos, nunca foi propriamente pujante… Será?

E o que isto tem a ver com este primeiro-ministro em particular e com o futuro próximo?

O tempo não está para filosofias baratas. Os próximos meses o dirão: adivinham-se eleições sem maiorias claras. Especula-se sobre todas as possibilidades de coligações: mais à esquerda, mais à direita, radicalmente ao centro… Mas um dos cenários mais fortes é que o Partido Socialista continue a ser a chave de todas as respostas. Porque se vai regenerar a tempo das eleições? Porque vai trazer um novo programa? Ou porque a oposição não é válida e mobilizadora? Não, arrisco-me a dizer.

O PS estudou o poder, construiu-o pacientemente para que fosse seu. O PS domina o Estado, foi ele que o construiu, ou melhor, urdiu a máquina como uma aranha, controla os seus centros nevrálgicos, fê-lo à sua imagem e semelhança, para dominar as maiorias silenciosas. Isso chega?

Esta engenharia – a definição de engenharia na wikipedia ajuda-nos:*a aplicação do conhecimento científico, económico, social e prático, com o intuito de planejar, desenhar, construir, manter e melhorar estruturas, máquinas, aparelhos, sistemas, materiais e processos -,* caras e caros leitores, não é sempre suficiente.

A política, em Portugal, é e será sempre poética. Todos estes engenheiros/demiurgos sempre tiveram a lucidez de se deixarem guiar ou deslizar pelos corredores do poder conduzidos por um personagem fantástico, que legitima os seus os seus poderes fáticos e sobretudo influência, para continuarem a manter a máquina afinada e dourada. Mas o mundo é injusto: para uns são uma nata, para outros (ingratos) uma crosta. Eles tem a noção de que a natureza humana existe e é um desafio que apenas alguns conseguem superar ou, se necessário for, ludibriar.

Mário Soares, lutador e motivador: duas intervenções do FMI; António Guterres, generoso e conciliador: abandonou o poder, dizendo que o país era um pântano e nunca mais crescemos; José Sócrates, pragmático e vigoroso: responsável por uma intervenção do Fundo Monetário Internacional, Banco Central Europeu e Comissão Europeia, aguarda julgamento por diversos casos de corrupção e, agora, António Costa, criativo negociador de soluções: primeiro-ministro demissionário, possivelmente indiciado por, pelo menos, “conviver assiduamente” com corruptos, corruptores e corrompidos, depois de liderar um governo de maioria absoluta…

As próximas eleições deveriam ser um momento de clarificação em que o Partido Socialista seja liderado por verdadeiros e convictos socialistas e que as forças da oposição, sobretudo de centro-direita e direita, assumam as suas opções alternativas sem receios mostrando que não estamos condenados a depender de um Estado que é apenas uma máquina. E que o eleitor escolha um vencedor, não a solução “menos má”. Basta, temos de exigir de nós mesmos um futuro mais motivante. O futuro é sempre um risco.

Fernando Rodrigues Pereira

Consultor em comunicação